

Poesia seiscentista

Fênix renascida & Postilhão de Apolo

Organização
Alcir Pécora

Introdução

João Adolfo Hansen.



São Paulo 2002

A UMA AUSÊNCIA.

SONETO.

Sinto-me sem sentir todo abrasado
 No rigoroso fogo, que me alenta,
 O mal, que me consome, me sustenta,
 O bem, que me entretém, me dá cuidado:
 Ando sem me mover, falo calado,
 O que mais perto vejo, se me ausenta,
 E o que estou sem ver, mais me atormenta,
 Alegro-me de ver-me atormentado:
 Choro no mesmo ponto, em que me rio,
 No mor risco me anima a confiança,
 Do que menos se espera estou mais certo;
 Mas se de confiado desconfio,
 É porque entre os receios da mudança
 Ando perdido em mim, como em deserto.

Antônio Barbosa Bacelar.

A UNS OLHOS TORTOS.

SONETO.

Travessos olhos, que na travessia
 Deixais os olhos todos derrubados,
 Contra quem só três dedos cavalgados
 São na manhã remédio a todo o dia:
 Dos milagres, que fez Santa Luzia,
 Nenhum sabemos de olhos enfrestados,
 E mais de olhos que são tão namorados,
 Que olham um para o outro à mor porfia:
 Ciosos olhos, pois essas meninas
 Escondeis no mais alto das capelas,
 Não consintais haver delas suspeita:
 Torcei-lhe a condição de pequeninas,
 Porque nunca se possa dizer delas
 Quem torto nasce, tarde se endireita.

Antônio Barbosa Bacelar.

A UNA AMIGA.

SONETO.

Belisa la amistad es un tesoro
 Tan digno de estimarse eternamente,
 Que a su valor no es paga suficiente :
 De Arabia, y Potosí la plata, y oro.
 Es la amistad un lícito decoro,
 Que se guarda en lo ausente, y lo presente
 Y con que un amigo el otro siente
 La tristeza, el pesar, la risa, el lloro.
 No se llama amistad la que es violenta,
 Sino la que es conforme simpatia,
 De quien lealtad hasta la muerte ostenta:
 Esta la amistad es, que hallar queria
 Esta la que entre amigas se sustenta,
 Y esta, Belisa, en fin la amistad mia.

Violante do Céu.

A EL REI D. JOÃO IV.

SONETO EM DIÁLOGO.

Que logras Portugal? Um Rei perfeito:
 Quem o constituiu? Sacra piedade:
 Que alcançaste com ele? A liberdade:
 Que liberdade tens? Ser-lhe sujeito:
 Que tens na sujeição? Honra, e proveito:
 Que é o novo Rei? Quase deidade:
 Que ostenta nas ações? Felicidade,
 E que tem de feliz? Ser por Deus feito.
 Que eras antes dele? Um labirinto,
 Que te julgas agora? Um firmamento,
 Temes alguém? Não temo a mesma Parça.
 Sentes alguma pena? Uma só sintê.
 Qual é? Não ser um mundo, ou não ser cento,
 Para ser mais capaz de tal Monarca.

Violante do Céu.

A UNA AUSENCIA.

SONETO.

Quien dice que la ausencia es homicida
 No sabe conocer rigor tan fuerte,
 Que si la dura ausencia diera muerte,
 No me matara a mi la propia vida.
 Mas ay que de tu ojos dividida,
 La vida me atormenta de tal suerte,
 Que muriendo sentida de no verte,
 Sin verte vivo, por morir sentida.
 Pero si de la suerte la mudanza
 Es fuerte, me asegure la evidencia,
 Que tanto me dilata una tardanza:
 No quede el sentimiento en contingencia
 Que el milagro mayor de la esperanza
 Es no rendir la vida a tal ausencia.

Violante do Céu.

A UM DESENGANO.

SONETO.

Será brando o rigor, firme a mudança,
 Humilde a presunção, vária a firmeza,
 Fraco o valor, covarde a fortaleza,
 Triste o prazer, discreta a confiança.
 Terá a ingratidão firme lembrança,
 Será rude o saber, sábia a rudeza,
 Lhana a ficção, sofisticada a lhaneza,
 Áspero o amor, benigna a esquivança.
 Será merecimento a indignidade,
 Defeito a perfeição, culpa a defesa,
 Intrépido o temor, dura a piedade,
 Delito a obrigação, favor a ofensa,
 Verdadeira a traição, falsa a verdade,
 Antes que vosso amor meu peito vença.

Violante do Céu.

À SERRA DE SINTRA.

SONETO.

Áspera Serrania que elevada
 Ao mais sublime cume rutilante,
 Te obedece esse orbe de diamante,
 Nem jamais te viu raio fulminada;
 De ti mesma em ti mesma despertada,
 Parece que presumes de arrogante
 Escalar essa esfera cintilante,
 Atropelar a máquina estrelada:
 Eterna vive dando leis aos ventos,
 Ao mar espanto, assombro da grandeza,
 Do tempo injúria, da firmeza templo:
 Eterno vive império aos elementos,
 Pois és de Nise exemplo na dureza,
 Pois és de Lauro na firmeza exemplo.

António Barbosa Bacelar.

À VARIEDADE DO MUNDO.

SONETO.

Este nasce, outro morre, acolá soa
 Um ribeiro que corre, aqui suave
 Um Rouxinol se queixa braúdo, e grave,
 Um Leão co rugido o monte atroa:
 Aqui corre uma fera, acolá voa
 Co grãozinho na boca ao ninho uma ave;
 Um derruba o edifício, outro ergue à trave,
 Um caça, outro pesca, outro enferoa.
 Um nas armas se alista, outro as pendura,
 Ao soberbo Ministro aquele adora,
 Outro segue do Paço a sombra amada,
 Este muda de amor aquele atura:
 Do bem, de que um se alegre, o outro chora.
 Oh mundo, ó sombra, ó zombaria, ó nada!

António Barbosa Bacelar.

A UM SONHO.

SONETO.

Adormeci ao som do meu tormento,
 E logo vacilando a fantasia,
 Gozava mil portentos de alegria,
 Que todos se tornaram sombra, e vento:
 Sonhava, que tocava o pensamento
 Com liberdade o bem que mais queria,
 Fortuna venturosa, claro dia:
 Mas ai! que foi um vão contentamento!
 Estava ó Clori minha possuindo
 Desse formoso gesto a vista pura,
 Alegres glórias mil imaginando:
 Mas acordei, e tudo resumindo,
 Achei dura prisão, pena segura,
 Ah quem estivera assim sempre sonhando!

Antônio Barbosa Bacelar.

A UM PRADO FLORIDO.

SONETO.

Do que sou me vi já mui diferente,
 Alegre tu virás a estar de luto:
 Qual te vejo, me vi com flor, e fruto,
 Qual me vês, te verás bem descontente.
 Dá-te agora tributo o estio ardente,
 Eu ao frio inverno dou tributo,
 Assim nos fez o tempo sempre astuto,
 Se triste agora a mim, a ti florente:
 Não queiras fazer certo o meu receio;
 Pois tens exemplo em mim: Ah quem me derá,
 Que em mim escarmentaras teus enganos!
 Mas lá virá tempo horrendo, e feio,
 Onde perca seu brio a primavera,
 E te sirvam de dor meus desenganos.

Antônio Barbosa Bacelar.

A UM PÉ PEQUENO.

SONETO.

Instante de jasmín, concepto breve,
 Atomo de azucena presumido,
 Pues os juzgan las ansias del sentido,
 Sospecha de cristal, susto de nieve.
 No pie, mentira sois, pues como la lleve.
 Ni verdad en un punto habéis cumplido,
 Antes digo, que escúpulo habéis sido,
 Pues de ser, o no ser la duda os mueve.
 Como si idea sois de ojos tan claros
 Hacéis la vista fe para creeros,
 Y hacéis los ojos fe para miraros?
 Yo me persuado en fin, que he de perderos,
 Porque si el veros es imaginaros,
 Siendo imaginación, como he de veros?

Jerónimo Baía.

A UMA TRANÇA DE CAPELOS NEGROS.

SONETO.

Diversa em cor, igual em bizarria
 Sois, bela trança, ao lustre de Sofala
 Luto por negra, por vistosa gala,
 Nas cores noite, na beleza dia.
 Negra, porém de amor na Monarquía
 Reinais senhora, não sereis vassala,
 Sombra, mas toda a luz não vos iguala,
 Tristeza, mas venceis toda a alegria.
 Tudo sois, mas eu tenho resoluto,
 Que sois só na aparência enganadora,
 Negra, noite, tristeza, sombra, luto.
 Porém na essência, ó doce matadora,
 Quem não dirá que sois, e não diz muito.
 Dia, gala, alegria, luz, senhora?

Jerónimo Baía.

VENDO-SE ENTRE CONFUSÕES
NASCIDAS DE SI MESMO.

SONETO.

Vasto mar, triste Tróia, irado Noto,
Nasce o pranto, arde o amor, cresce o suspiro;
Pois Céus busco, astros sigo, a bens aspiro,
Etnas guardo, Euros rompo, Nilos broto:
Sem norte, sem discurso, e sem piloto,
Cego à luz, vivo ao raio, exposto ao tiro,
Luzes bebo, ares corto, escolhos giro,
Clície amante, água cega, e lenho roto.
Se Etnas verto, ares queimo, horrores toco,
Baste o ardor, pare o arpão, cesse o tormento,
Cego amor, doce agrado, incêndio louco;
Vê que na dita, na ânsia, e no lamento,
Leve o bem, viva a dor, o alívio pouco,
Morre flor, Fênix vive, acaba vento.

Francisco de Vasconcelos.

A FRAGILIDADE DA VIDA HUMANA.

SONETO.

Esse baixel nas praias derrotado,
Foi nas ondas Narciso presumido;
Esse farol nos Céus escurecido,
Foi do monte libré, gala do prado;
Esse Nácar em cinzas desatado,
Foi vistoso Pavão de Abril florido;
Esse Estio em Vesúvios incendiado,
Foi Zéfiro suave em doce agrado:
Se a Nau, o Sol, a Rosa, a Primavera,
Estrago, eclipse, cinza, ardor cruel,
Sentem nos auges de um alento vago;
Olha cego mortal, e considera,
Que és Rosa, Primavera, Sol, Baixel,
Para ser cinza, eclipse, incêndio, estrago.

Francisco de Vasconcelos.

A FRAGILIDADE DA VIDA HUMANA.

SONETO.

Baixel de confusão em mares de ânsia,
 Edifício caduco em vil terreno,
 Rosa murchada já no campo ameno,
 Berço trocado em tumba desd'a infância,
 Fraqueza sustentada em arrogância,
 Néctar suave em campo de veneno,
 Escura noite em lúcido sereno,
 Sereia alegre em triste consonância,
 Viração lisonjeira em vento forte,
 Riqueza falsa em venturosa mina,
 Estrela errante em fementido norte,
 Verdade, que o engano contamina,
 Triunfo do temor, troféu da morte
 É nossa vida vã, nossa ruína.

Francisco de Vasconcelos.

A UM ROUXINOL CANTANDO.

SONETO.

Ramalhete animado, flor do vento,
 Que alegremente teus ciúmes choras,
 Tu cantando teu mal, teu mal melhores,
 Eu chorando meu mal, meu mal aumento,
 Eu digo minha dor ao sofrimento,
 Tu cantas teu pesar, a quem namoras,
 Tu esperas o bem todas as horas,
 Eu temo qualquer mal todo o momento,
 Ambos agora estamos padecendo
 Por decreto cruel do Deus Menino;
 Mas eu padego mais, só porque entendo,
 Que é tão duro, e cruel o meu destino,
 Que tu choras o mal, que estás sofrendo,
 Eu choro o mal, que soffro, e que imagino.

Francisco de Vasconcelos.

AO CAVALO DO CONDE DO SABUGAL
QUE FAZIA GRANDES CURVETAS.

SONETO.

Galhardo bruto, teu bizarro alento
Música é nova com que aos olhos cantas.
Pois na harmonia de cadências tantas
É clave o freio, é solfa o movimento.
Ao compasso da rédea, ao instrumento
Do chão, que tocas, quando a vista encantas
Já baixas grave e agudo já levantas,
Onde o pisar é som, e o andar concesso:
Cantam teus pés, e teu meneio pronto,
Nas fugas não, nas cláusulas medido,
Mil consonâncias forma em cada ponto.
Pois em salsas airosas suspendido
Ergues em cada quebro um contraponto,
Fazes em cada passo um suspenso.

Frei Antônio das Chagas.

ÀS POESIAS QUE SE FIZERAM A UMA
QUEIMADURA DA MÃO DE UMA SENHORA.

SONETO.

Ó mão não de cristal, não mão nevada,
Mão de relógio sim, pois que pudeste
Nesta mísera terra, em que nasceste,
Fazer dar tanta infinda badalada.
Que mão de almofariz enxovalhada
Foi tal como tu foste, ó mão celeste
Pois foste, quando mais resplandecente
Em tantas de papel, tão mal louvada.
Nem de cebola a mão negra, e grosseira
Queimada entre morrões publicamente
Merecia tão míseras Poesias.
Mas louvo-as de sutis em grã maneira
Pois que para apagar a flama ardente
Se fizeram de indústria assim tão frias.

D. Tomás de Noronha.

À MORTE DA SENHORA D. MARIA COUTINHA,
A QUE SE TINHAM ESCRITO MUITOS VERSOS.

SONETO.

Morreu Maria Coutinha isto se sofre!
A fé de homem de bem, que é demasia,
Que se atreva a um rosto de tauxia
Uma vilã ruim, que fedê a enxofre.
Enfim serão depósito de um cofre
Olhos, que eram depósito do dia,
Enfim há de comê-la a terra fria
Sem que primeiro a case Santo Onofre.
Anda por aí berrando a gente agora
E a todos em seu pranto a Musa corre,
Há tamanha loucura, há tal canseira!
Morra Maria Coutinha, morra embora
Que anteontem também sendo uma torre
Morreu minha vizinha a pasteleira.

D. Tomás de Noronha.

PRAGAS SE CHORAR MAIS
POR UMA DAMA CRUEL.

SONETO.

Não sossegue eu mais, que um bonifrate,
De urina sobre mim se vaze um pote,
As galas, que eu vestir sejam picote,
Com sede me dêem água em açafate.
Se jogar o xadrez me dêem um mate,
E jogando as trezentas um capote,
Faltem-me consoantes para um mote,
E sem o ser me tenham por orate.
Os licores que beba sejam mornos,
Os manjares, que coma sejam frios,
Não passeie mais rua, que a dos fornos.
E para minhas chagas faltem fios,
Na cabeça por plumas traga cornos,
Se meus olhos por ti mais forem rios.

D. Tomás de Noronha.